

EVERTON DE CASTRO MARQUES

**ESTUDAR COMUNICAÇÃO SOCIAL NA UFV NA EXPERIÊNCIA DE QUEM VIVEU
OS ÚLTIMOS 5 ANOS DO CURSO POR MEIO DE UM ENCARTE ILUSTRADO**

Viçosa – MG

Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2016

EVERTON DE CASTRO MARQUES

**ESTUDAR COMUNICAÇÃO SOCIAL NA UFV NA EXPERIÊNCIA DE QUEM VIVEU
OS ÚLTIMOS 5 ANOS DO CURSO POR MEIO DE UM ENCARTE ILUSTRADO**

Artigo apresentado ao Curso de Comunicação Social/
Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como
requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo.

Orientadora: Mariana Ramalho Procópio Xavier

Viçosa – MG

Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2016



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Estudar Comunicação Social na UFV na experiência de quem viveu os últimos 5 anos do curso: encarte ilustrado para a revista PH ROLFS*, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Mariana Ramalho Procópio Xavier- Orientadora

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Prof. Dr. Henrique Mazetti

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Prof. Felipe Menicucci

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Viçosa, 22 de novembro de 2016

AGRADECIMENTOS

À Laís, pelo apoio sem igual.

Aos meus pais, por tornarem tudo isso possível, e por nunca deixarem de acreditar em meu potencial.

Aos professores do DCM, especialmente à Mariana Ramalho Procópio Xavier, pela imensa paciência e suporte.

E a todos aqueles que de alguma forma contribuíram durante os 6 anos de Comunicação e 9 de Viçosa.

RESUMO:

Este trabalho de conclusão de curso se constitui em um encarte ilustrado sobre os 15 anos do curso de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. O encarte foi produzido a partir de ilustrações confeccionadas à mão e posteriormente digitalizadas e editadas, sob a ótica e as experiências de um estudante do curso. Através das ilustrações e da abordagem pelo conceito de experiência, foi possível construir um produto que preservará um pouco das histórias e memórias do curso. Mais que um simples veículo, o trabalho foi planejado para que a leitura do encarte seja prazerosa e atrativa, para que o uso do humor permita o riso assim como a visão crítica, mesmo que singela, e também para que permita reflexão. Contar esta história por meio do desenho é desta forma emprestar os olhos do autor para que o leitor possa também ser personagem.

PALAVRAS-CHAVE

UFV; Jornalismo; Encarte; Ilustração.

ABSTRACT

This course conclusion work constitutes an illustrated booklet about the 15 years of the Social Communication - Journalism course at the Federal University of Viçosa. The booklet was produced from illustrations made by hand and then scanned and edited from the perspective and experience of a student. Through the illustrations and approach by the concept of experience, it was possible to build a product that will preserve some of the stories and the course memories. More than a simple vehicle, the work was planned so that reading the booklet is pleasant and attractive experience, so that the use of humor allows the laugh as the critical view, even simple, and also allows reflection. Telling this story through drawing is thus lend the eyes of the author to the reader so that he can also be character.

KEY-WORDS

UFV; Journalism; Booklet; Illustration.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1) Sobre a noção de experiência.....	2
1.1 - <i>Conceito de Experiência</i>	<i>2</i>
2) Discussões sobre ilustrações e linguagem gráfica	5
2.1 – <i>Ilustração, caricatura, charge, cartum e tira.....</i>	<i>5</i>
2.2 – <i>A importância da ilustração como representação de uma realidade ou experiência.....</i>	<i>7</i>
3) Relatório Técnico	9
3.1 – <i>Produto.....</i>	<i>9</i>
3.2 – <i>Processo de produção</i>	<i>10</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	15

INTRODUÇÃO

Situada no interior de Minas Gerais, a Universidade Federal de Viçosa foi federalizada em Julho de 1969, e era composta pela Escola Superior de Agricultura, pela Escola Superior de Veterinária, pela Escola Superior de Ciências Domésticas, pela Escola de Especialização, pelo Serviço de Experimentação e pela Pesquisa e pelo Serviço de Extensão. Apesar de tradicionalmente se destacar na área de Ciências Agrárias, a instituição com o tempo, assume um caráter mais amplo, expandindo-se em outras áreas do conhecimento, como nas Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Exatas e Tecnológicas e Ciências Humanas, Letras e Artes. (MARTINS, 2011)

Em 2001, foi criado o curso de Comunicação Social – Jornalismo, e no ano de 2005, foi reconhecido pelo Ministério da Educação (Portaria nº555, de 25/02/2005). Ligado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH) e ao Departamento de Comunicação Social (DCM), o curso de Comunicação Social – Jornalismo na UFV tem como objetivo formar estudantes com capacidade de trabalho em diversas áreas da prática jornalística¹

A graduação possui duração de quatro anos, e a matriz curricular apresenta disciplinas teóricas e práticas. Nas matérias práticas da grade curricular, o estudante adquire competência para trabalhar nas áreas de jornalismo impresso, radiofônico, audiovisual/televisivo, fotográfico e multimídia. As matérias teóricas, por sua vez, trabalham conteúdos de caráter teórico/conceitual no campo da Comunicação Social e das Ciências Humanas. Atualmente, o projeto pedagógico do curso prevê uma carga horária de 2670 horas de disciplinas obrigatórias e, além destas, outras 360 horas compostas de disciplinas optativas. Tais disciplinas optativas são ministradas pelos departamentos de Dança, Educação, Educação Física e Geografia, História, entre outros.

O projeto experimental se apresenta, assim, como um espaço para que o estudante experimente técnicas e conhecimentos aprendidos durante a graduação e proponha um produto jornalístico diferenciado. O trabalho de conclusão de curso aqui apresentando se configura como um projeto experimental. Trata-se de um encarte ilustrado que conta as experiências vivenciadas por um estudante de comunicação da UFV.

Inicialmente, para a produção do encarte conceitos de experiência foram pesquisados e utilizados, uma vez que o objetivo foi contar parte da história do curso por meio de experiências vivenciadas por um aluno de Comunicação Social na UFV. Nossas experiências, segundo os

¹ Informações encontradas no Projeto Pedagógico do Curso disponíveis no endereço www.com.ufv.br. Acessado em 16 de outubro de 2016.

conceitos apresentados por Dewey e por Bondia, nos definem e moldam a personalidade e a vivência diária de cada um, alargando conhecimentos e dando significação profunda à nossas vidas. Abordar determinado assunto pela ótica das experiências de um sujeito é abordar este tema de modo que retrate como este sujeito viveu, sentiu, aprendeu e criou sua personalidade durante a construção desta experiência.

A princípio o produto final seria inserido na edição do segundo semestre de 2016 da Revista *PH Rolfs*, que teria como tema os 15 anos do curso. A finalidade era criar um conteúdo anexado à revista, com temas concomitantes aos tratados na mesma. O fato de ser um encarte ilustrado teve como objetivo agregar valor ao produto final, tratando os temas abordados na revista de forma mais leve e dinâmica. Todavia, como não foi possível a publicação da revista, este encarte teve seu desenvolvimento separado.

Em síntese, podemos dizer que o objetivo desta publicação seja resgatar memórias e histórias do curso por meio da linguagem icônica. Especificamente, propomos apresentar uma leitura subjetiva da história do curso, com destaque para experiências pessoais. Ainda, acreditamos que ilustração pode despertar o interesse de mais pessoas conhecerem o curso, por meio das experiências ilustradas e narradas.

A seguir, discutiremos brevemente os principais conceitos teóricos que nos guiarão na elaboração do produto, e, sem seguida, apresentaremos as etapas de produção do encarte.

1) Sobre a noção de experiência

Como dito anteriormente, a ideia deste TCC nasceu vinculada à uma edição da revista *PH Rolfs*, que trataria dos 15 anos do curso de Comunicação na UFV sob a ótica da experiência vivenciada pelos alunos que passaram pelo curso. Para possuir uma organicidade com a revista, o encarte aqui apresentado, foi pensado de modo a também trabalhar o conceito de experiência, mas, por uma forma ilustrada e irreverente. Assim, privilegiamos as experiências vividas por um aluno de Comunicação Social na UFV, no caso, o ilustrador e roteirista do encarte. Mas por que este foco na experiência e a escolha por esta abordagem?

1.1 - Conceito de Experiência

No texto, apresentado em conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, Jorge Larrosa Bondía (2002), diz: “A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se

experimental, que se prova”. O autor fala de experiência além da simples aquisição de conhecimento e informação, além da simples prática, tratando-a como algo que se vive, um verbo pelo qual agimos e permitimos que se aja sobre nós, um verbo que gera transformação mútua entre a experiência e o sujeito. Com o intuito de explicar melhor, Bondía cita uma definição de experiência dada por Martin Heidegger, filósofo alemão:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (HEIDEGGER citado por BONDÍA, 2002, p.25)

Nesta definição de experiência as situações pelas quais passamos nos moldam, nos definem e passam então a ser as experiências que construímos. Somos então fruto de nossas experiências e não somente do conhecimento que nos é repassado.

John Dewey, importante filósofo norte-americano da primeira metade do século XX, compartilha da mesma linha de pensamento, que diferencia experiência de simples conhecimento acumulado. Dewey trabalhou com uma filosofia que defendia a unidade entre teoria e prática sendo um dos difusores do pragmatismo americano. Na interpretação de Maria Cristina Ferreira dos Santos (2013), acerca dos textos de Dewey 1958 e 1980, tem-se:

Dewey tenta romper com o dualismo entre empirismo e racionalismo, e rebate este conceito de experiência, que se refere ao conhecimento acumulado ao longo do tempo. A experiência não se limita ao ato no presente, mas também remonta ao que foi aprendido no passado e se reporta ao futuro para se aprimorar a inteligência quando existe algum problema. O ser humano sofre a experiência e reage ao mesmo tempo. É um ser vivo que está em seu ambiente, sente a repercussão, reage com a lógica e busca conseguir os meios para se adaptar. O ponto central para Dewey não é o sujeito nem o objeto, nem a natureza ou o espírito, mas as relações entre eles: a experiência significa integração. (SANTOS, 2013, p.5)

Dewey acreditava que tanto crianças quanto adultos são seres que aprendem a partir de problemas que surgem no curso das atividades de seu interesse. Desta forma, não havia diferença na dinâmica da construção da experiência do adulto ou da criança. Para ambos, o pensamento constituiria um instrumento destinado a resolver os problemas da experiência. O conhecimento por

sua vez é a acumulação de sabedoria que gera a resolução desses problemas. Desta forma experiência e conhecimento não seriam a mesma coisa.

Anísio Teixeira (1971) em *A pedagogia de Dewey* traz um conceito de experiência baseada na interação entre os corpos do universo, no agir sobre outro corpo e sofrer deste uma reação. Tal conceito alarga-se à atividade permanente de todos os corpos, uns com os outros alterando-lhes, até certo ponto, a realidade. Qualquer experiência haveria de trazer como resultado, a interação e posterior alteração dos envolvidos, inclusive as experiências humanas de reflexão e conhecimento.

Ora, se a vida não é mais que um tecido de experiências de toda sorte, se não podemos viver sem estar constantemente sofrendo e fazendo experiências, é que a vida é toda ela uma longa aprendizagem. Vida, experiência, aprendizagem – não se podem separar. Simultaneamente vivemos, experimentamos e aprendemos. (TEIXEIRA e WESTBROOK, 2010, p.37)

Dewey se utiliza deste conceito para definir educação como um processo de reorganização e reconstrução experiência, de modo que ao perceber e interpretar o sentido das coisas, passamos a definir o rumo de nossas futuras experiências. A educação como reorganização de experiências consiste, portanto, em crescer no sentido da construção de um mundo cada vez mais rico e adaptado aos nossos interesses. Não há, portanto, dissociação entre o momento em que aprendemos e, posteriormente, o momento em que utilizamos o aprendizado em nossas vidas. Na pedagogia de Dewey estamos o tempo todo estamos vivendo e aprendendo por meio de nossas experiências.

Vale destacar que o processo de aprendizado e construção de experiências não acontece em um limbo isolado, pelo contrário, está sempre exposto a incentivos e alterações advindas tanto do sujeito quanto do meio em que ele vive. O sujeito e o meio social no qual ele está inserido são elementos harmônicos no processo de construção e reconstrução da experiência. O meio deve prover ao indivíduo as ferramentas e situações para que este liberte e coloque em prática sua própria personalidade.

Assim sendo, falar dos 15 anos de Comunicação na UFV por meio das experiências vivenciadas por indivíduos é abordar o tema por uma ótica ampla, que envolve mais que a história do curso em si e passa a envolver os personagens que perpassaram pelo curso. É também falar do meio, uma vez que não se separam os indivíduos que passaram pelo curso do meio no qual eles se inseriram. Segundo Bondía:

Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe

passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (BONDÍA, 2002, p.25).

Durante anos, nos tornarmos abertos à experiência de estudar Comunicação Social na UFV, construindo uma vida, interagindo com a universidade e transformando-a. Retratar estas experiências e dividi-las com outros é uma forma única de apresentar o curso. Citando mais uma vez Jorge Larrosa Bondía, (2002, p.27): “A experiência e o saber que dela [da existência] deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida”. Compartilhar tais experiências é também compartilhar nossas vidas.

2) Discussões sobre ilustrações e linguagem gráfica

2.1 – Ilustração, caricatura, charge, cartum e tira

Para a confecção do encarte, foram criadas 10 ilustrações que retratam experiências vividas pelo mesmo personagem. A maioria delas possui teor biográfico, retratando experiências reais vivenciadas pelo autor, com o objetivo de compreender melhor o objeto aqui apresentado, cabe definir e diferenciar os termos “ilustração”, “caricatura”, “charge”, “cartum” e “Tira”.

O Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa traz uma definição de ilustração como “Desenho, gravura ou imagem que acompanha texto de livro, jornal, revista etc. ilustrando-o”. A ilustração tem por objetivo complementar visualmente um texto, exemplificar um conceito e/ou apresentar uma ideia graficamente. Fonseca (1990), trata do valor do uso de uma ilustração quando diz que a mesma tem o poder de conferir à mensagem escrita maior poder de atração, conferindo maior valor estético à aparência visual do texto e esclarecendo ao leitor conceitos que quando apenas descritos em texto corrido podem soar abstratos.

O uso da imagem traz ao leitor melhores práticas cognitivas e linguísticas, uma vez que ao abordar a mensagem visual é possível ampliar a informação, entende-la em maior amplitude e interpretá-la de diferentes formas. Uma ilustração tem, portanto, maior poder de resumir ideias e conceitos, sendo amplamente utilizada para este fim, por meio de fotografias ou desenhos.

Entretanto nem toda ilustração, fotografia ou desenho, é igual ou possui o mesmo fim. Considerando a ilustração na forma de desenho, na produção jornalística é comum o uso desta como

caricatura, charge, cartum e tira. Vale lembrar que nem toda ilustração é caricatura, charge, cartum ou tira, mas que caricatura, charge, cartum e tira são exemplos de ilustração.

O termo Caricatura vem do italiano *caricare* e é definido no Dicionário Michaelis como “Desenho ou pintura de pessoa ou fato que, por apresentar traços distorcidos, acentua ou revela seus aspectos grotescos.[...] 4 TEAT, CIN, TV Representação em que se acentuam e satirizam os aspectos cômicos e grotescos de pessoas e fatos.” É um uso da ilustração comumente utilizado para representar pessoas de forma cômica, uma forma de retratar um personagem em desenho resumindo suas características aos traços mais acentuados de sua feição.

A charge por sua vez vem do francês *charger* e consiste em um desenho de tom humorístico que represente um fato atual, dotado também de um exagero proposital. O exagero na charge tem o intuito de conferir a este fato um tom crítico, de destacar um ponto ou personalidade no desenho, de conferir carga à situação ilustrada e de se utilizar desta carga para causar humor. Neide Aparecida Arruda de Oliveira e Lara Monique Almeida (2006) discorrem sobre as características da charge:

A charge é crítica porque discute e opina sobre acontecimentos noticiosos, usando para tal uma outra linguagem, a do desenho. É inteligente porque consegue resumir e criticar no pequeno espaço do desenho o que há de conteúdo relevante em um fato (fato que é de importância naquela edição); de forma que o leitor compreenda do que se trata, e fique informado sobre algo importante que se passa no mundo ou no país naquele dia. Por fim, é irônica porque interpreta invocando a sátira, expondo o fato pelo ângulo do ridículo. (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2006, p.81)

O cartum, assim como a caricatura e a charge, também é um desenho dotado de carga para gerar uma situação satírica, entretanto, se diferencia por seu tom amplo e universal, não estando preso a determinada situação ou acontecimento. O cartum possui caráter mais leve, pode possuir opinião e até crítica, mas não está preso no tempo, retratando uma situação que pode ser compreendida sem que haja necessidade de contexto, é engraçado hoje da mesma forma que seria há 10 anos atrás.

Por fim, a tira é um subtipo de história em quadrinhos muito utilizada no jornalismo, mais curta, com até 4 quadros, pode ser publicada em vários fragmentos de narrativas menores, sendo parte de uma sequência maior, ou pode ser fechada constituindo-se de uma história apenas resumida em poucos quadros (publicada no mesmo volume). A tira pode ou não ser veículo de opinião, dependendo do tema que aborda. Algumas tirinhas tratam com humor de aspectos econômicos e políticos, entretanto não são “datadas” como acontece com a charge. O ponto diferencial da tira em relação à charge e ao cartum está na estética, enquanto charge e cartum são desenhos de um quadro apenas, a tirinha apresenta de 2 a 4 quadrinhos.

Para retratar as experiências de um aluno de comunicação na UFV na elaboração do encarte aqui apresentado, a ilustração foi utilizada nestas quatro formas: caricatura, charge, cartum, e tira. Fez-se uso da caricatura para que fosse possível representar em desenho pessoas reais, realçando traços de destaque para possibilitar a identificação de personagens dos desenhos. O conceito de cartum e charge é percebido no tom crítico e no uso do humor, cartum quando o humor ilustrado em algumas situações é atemporal, charge quando os desenhos relatam situações que talvez não aconteçam daqui a alguns anos. Por fim, quando não foi possível resumir a ideia em apenas um quadro de forma que a mesma fosse facilmente compreendida e que se mantivesse o humor, fez-se uso da tira.

2.2 – A importância da ilustração como representação de uma realidade ou experiência

Há um ditado popular que diz que uma imagem vale mais que mil palavras. A informação visual flui com velocidade, o uso de uma ilustração permite concentrar mais conteúdo que apenas o texto, de forma que se possa também decifrar uma grande informação em segundos. Donis Dondis, explica melhor a predileção do ser humano pela informação visual:

Não é difícil de detectar a tendência à informação visual no comportamento humano. Buscamos um reforço visual de nosso conhecimento por muitas razões; a mais importante delas é o caráter direto da informação, a proximidade da experiência real. Quando a nave espacial norte americana Apolo XI alunissou, e quando os primeiros e vacilantes passos astronautas tocaram a superfície da lua, quantos, dentre os telespectadores do mundo inteiro que acompanhavam a transmissão do acontecimento ao vivo, momento a momento, teriam preferido acompanhá-lo através de uma reportagem escrita ou falada, por mais detalhada ou eloquente que ela fosse? Essa ocasião histórica é apenas um exemplo da preferência do homem pela informação visual. (DONDIS, 2007, p.7)

Historicamente, o desenho sempre se tratou de uma importante ferramenta de comunicação¹⁹. Antes do advento da fotografia era a forma utilizada pelo homem para retratar a realidade, fazendo uso de pigmentos e traços coloridos desde a época das cavernas. Com o surgimento da fotografia o uso do desenho como forma de repassar informação ou retratar realidades não perdeu valor. “Enfraqueceu muito, é verdade, a partir da década de 90. Mas nos anos 60, 70 e 80, assim como a fotografia, as ilustrações eram muito solicitadas para completar um texto” (CÉSAR, 2001, p. 219.).

Por se tratar de um encarte de tamanho menor que a revista em si, que tem como tema algo tão amplo quanto experiências de 5 anos de curso de um personagem, o uso de ilustrações possibilitou que se condensasse maior volume de informação, permitindo resumir em poucas páginas um grande conjunto de experiências. O desenho permite ainda que se veja o mundo pelos olhos de quem o desenha. Da escolha do tema, à definição de cores, falas e cenários, cada informação é pensada e criada pelo ilustrador, que insere ali no papel em branco seu olhar sobre o mundo.

Na elaboração do encarte, cada desenho foi pensado e planejado de modo a trabalhar a representatividade dos personagens que passaram pelo curso. Houve preocupação em retratar maior diversidade nos personagens, de modo que fosse apresentada de forma mais condizente com a realidade os muitos participantes das experiências vivenciadas, buscando também que um público maior pudesse se identificar nos desenhos.

Para tanto o uso das cores foi fundamental, McCloud (2004) enfatiza que “vivemos num mundo em cores, não em preto e branco, os quadrinhos coloridos sempre vão parecer mais ‘reais’”. O uso de cores tornou possível representar melhor, diferentes etnias, por exemplo. Além disso, um tom mais escuro tornou possível enfatizar um tema mais nefasto, bem como o uso de cores claras ou mesmo a ausência de fundo colorido permitiu que se desse maior destaque ao desenho em si, em situações onde a imagem possuía muitos detalhes ou onde a intenção era dar maior destaque à mensagem. Isso, claro, além do fato de que a cor confere maior valor estético, gerando um produto final mais bonito. De fato, ainda segundo McCloud (2004), “Uma coisa é certa: quando bem usadas, a cor pode resultar em mais do que a soma de duas partes”.

A criação de ilustrações que trouxessem crítica e conteúdo reflexivo não fez com que os desenhos se transformassem em um produto de difícil acesso ou compreensão. O que é importante, uma vez que segundo Esteves (2009), o ilustrador muitas vezes precisa se comunicar com um público alvo amplo, que não possui vasto conhecimento prévio do assunto representado “por isso, a imagem criada tem que ser facilmente interpretada e ter um grande apelo visual, não importando detalhes de um desenho (ESTEVES, 2009).

3) Relatório Técnico

3.1 – Produto

Para a elaboração deste projeto foram sugeridos então nove temas, a partir de conversas entre os professores Mariana Ramalho Procópio Xavier, Henrique Moreira Mazetti e Felipe Menicucci. Os temas foram escolhidos com base em experiências vivenciadas por grande parte dos alunos e que retratam o viver/ser estudante de Jornalismo na UFV e em Viçosa. São elas:

- Vida acadêmica:
Tem como objetivo retratar cotidiano acadêmico do curso, desafios e vivências do aluno de jornalismo na UFV.
- Ser de Viçosa:
Retrata a experiência de quem é de Viçosa porque nasceu na cidade ou se mudou para ela antes de adentrar à UFV, alunos cuja família mora na cidade, por exemplo.
- Olhar pra trás:
Trata da experiência histórica, retratando o passado do curso de Jornalismo na UFV.
- Amizade:
Mostra as vivências que se formam em torno das amizades criadas pelos alunos ao longo do curso de jornalismo.
- Amor:
Trata do viver e amar em Viçosa e na UFV, e de como este presenteia alunos com experiências que marcam suas vidas.
- Vida:
Elucida o surgimento da vida durante o curso. O objetivo é retratar a experiência de quem foi mãe ou pai durante a graduação.
- Morte:
Representar a experiência de quem perdeu um ente querido, um colega, um amigo, etc, durante a graduação.
- Se tornar de Viçosa:
Diferente de quem já nasceu ou se mudou para a cidade antes do ingresso na UFV, muitos dos alunos acabam criando uma grande identificação com a cidade durante o curso, tornando-se cidadãos Viçosenses.

- Olhar pra frente:

Tem como objetivo retratar a experiência de se formar e encarar o mercado de trabalho. O olhar pra frente aqui se refere a olhar pra frente na carreira após a graduação em jornalismo na UFV.

O encarte ilustrado traz, portanto, as experiências de alunos do curso de Jornalismo na UFV, sob a ótica de um aluno que passou por todas elas, durante nove anos de estudo na UFV, seja pessoalmente, seja convivendo com amigos que passaram pelas experiências a que a revista se propõe a retratar. Além das nove experiências citadas, uma décima foi acrescentada: “Ser dinossauro na UFV”. Esta última, trata da vivência de quem está na universidade há muito tempo, no caso “dinossauro” é uma gíria ou apelido que denomina os alunos antigos da universidade.

Importante mencionar que o estudante passou a se familiarizar com o conceito de experiência, por meio de bibliografia indicada pela orientadora e também por ele selecionada. Esses textos foram importantes para compreender melhor o que de fato era o objetivo do Curso em ter sua história narrada por meio de experiências de estudantes que por ele passaram. Sobre a bibliografia a respeito de ilustração e da linguagem gráfica, ela já vinha sendo estudada pelo estudante desde o semestre anterior, quando ainda trabalhávamos em outra ideia de trabalho de conclusão de curso. Ainda, as reuniões de orientação foram importantes para definição do escopo do artigo, esclarecimento de dúvidas e direcionamento das atividades.

3.2 – Processo de produção

Para a elaboração das ilustrações foi utilizado papel 90g tamanho A4 para impressão à laser. Primeiramente os desenhos são pensados e elabora-se um rascunho à lápis HB com as formas básicas e ideias que serão representadas. No rascunho também são designados os espaços para balões de fala e seus respectivos textos. Também no rascunho são inseridos os personagens, inicialmente compostos por formas rústicas, semelhantes aos bonecos de palitinho desenhados por crianças. Neste momento são definidas as expressões corporais do personagem, gestos e posturas, bem como a base de sua expressão facial. É uma etapa importante, pois a postura e expressão facial do personagem também possuem conteúdo, ele “fala” por meio de suas expressões, faciais e corporais. Além da forma rústica que representa o corpo e o rosto, no rascunho são posicionados objetos de importância que comporão o ambiente e vão interagir com o personagem em si.

Segue abaixo um dos rascunhos elaborados², neste caso para a experiência da Vida:



A inserção de elementos no desenho no momento do rascunho, a lápis, é de vital importância uma vez que este é um momento que permite o erro e a experimentação, uma vez que o que não for para o desenho final poderá simplesmente ser apagado com borracha. O rascunho é portanto, o esqueleto, a base para o desenho final.

Para cada experiência uma ilustração diferente foi pensada conforme segue:

- Vida acadêmica:

O personagem carregando muitos materiais do curso e segurando um trabalho com a boca relembra em tom irônico o porquê de ter entrado no curso.

- Ser de Viçosa:

O personagem pergunta em tom de brincadeira a uma garota de Viçosa se ela vai viajar no feriado e obtém como resposta “já te disse mil vezes que moro aqui”!

- Olhar pra trás:

² Todos os rascunhos encontram-se em anexo ao final deste artigo.

Em dois quadros, no primeiro, o personagem escuta de um aluno egresso do curso as dificuldades de quando ele estudava e pergunta como ele superava, no segundo quadro o egresso afirma que sabia que havia uma festa ao final do semestre que hoje não existe mais.

- Amizade:

Dois quadros retratam o personagem e uma amiga na biblioteca e em sala de aula, respectivamente, no primeiro ele pede ajuda, no segundo ele quer insistentemente mostrar algo pra amiga.

- Amor:

Dois quadros, um retrata o personagem dizendo que não conseguirá fazer algo enquanto é confortado pela namorada, outro retrata o mesmo personagem pensando na amada e com isso dizendo que conseguirá completar a tarefa.

- Vida:

O personagem observa a filha de uma colega brincando com uma câmera e afirma que a criança puxou a mãe, e seguirá possivelmente seus passos.

- Morte:

O personagem e uma amiga observam, cabisbaixos, uma cadeira vazia.

- Se tornar de Viçosa:

Um morador da cidade, mais velho, afirma que o personagem não é de Viçosa ao passo que ele responde dizendo que faz suas atividades na cidade, e se questiona por que não pode ser morador de Viçosa.

- Ser dinossauro:

Em um quadro com o título “como eu me sinto quando converso com calouros” uma versão mais velha do personagem fala, para duas pessoas mais jovens, sobre elementos do cotidiano de quando ele ingressou no curso. Um dos mais jovens pergunta então o que era um elemento que hoje não existe mais.

- Olhar pra frente:

O personagem, de beca e diploma na mão comemora sua formatura, enquanto outra pessoa na imagem fala dos problemas do recém-formado.

Uma vez pensados os desenhos e efetuado o rascunho, parte-se para a delimitação dos traços dos mesmos. Com uma caneta nanquim 4.0, os traços delimitadores dos desenhos são inseridos de forma sobreposta ao lápis. Detalhes como rosto, cabelo, roupas, dedos das mãos, sapatos, etc...

também são elaborados neste momento. Ao final desta fase, têm-se nanquim e lápis convivendo no papel. Passa-se então uma borracha para retirar os vestígios do rascunho, ficando apenas o desenho cru, pronto para ser colorido.

Para colorir o desenho várias técnicas podem ser utilizadas, nas ilustrações deste encarte foram utilizadas canetinhas hidrocor Compactor, lápis aquarelável Faber Castell e uma paleta de aquarela simples de 12 cores. As canetinhas foram utilizadas para colorir as roupas dos personagens, bem como alguns dos elementos do campo de fundo e dos objetos presentes. Os lápis foram utilizados em elementos mais finos do desenho, como rosto, dedos e pele, tal escolha se deu pela possibilidade de uso de cores diferentes para pele e cabelo dos personagens. Por fim, a paleta de aquarela foi utilizada para o preenchimento do fundo, trabalhando a aquarela com um pincel Aquabrush Pentel ponta Média. Este pincel possui um reservatório de água embutido, o que agiliza o trabalho de finalização dos desenhos.

Com os desenhos coloridos parte-se para a digitalização dos mesmos, nesta etapa foi utilizada uma impressora multifuncional HP Deskjet Ink Andvantage 3636. Os desenhos foram então scaneados em alta qualidade, 900 Dpi, e salvos em JPG. A utilização de maior resolução no scanner é importante para que as imagens possuam maior riqueza de detalhes, e para que o desenho possa ser impresso em tamanho grande sem que se perca qualidade. Segue exemplo de um dos desenhos após digitalização:



Parte-se então para finalização no Adobe Photoshop Cs6, onde a imagem é cortada e o texto da imagem é inserido, utilizando-se a fonte Komika Display Kaps. O arquivo então é salvo em formato JPG.

Têm-se por fim os desenhos em sua forma final, coloridos, digitalizados, e com letra digital legível, em formato JPG, pronto para inserção no encarte, como no exemplo abaixo³:



Para inserção dos produtos no encarte, foi utilizado o programa Adobe InDesign. O programa permite então a inserção dos desenhos e de suas legendas, bem como a diagramação do produto.

Com o arquivo pronto, o trabalho foi impresso, resultando no encarte final com legendas e expediente.

³ O conjunto de ilustrações finalizadas pode ser consultado como anexo ao final deste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração de um encarte que pudesse resumir em 10 ilustrações toda uma experiência universitária envolvida em cursar Jornalismo em Viçosa foi uma tarefa ímpar, afinal quem conhece a cidade, e os desafios do curso, sabe que é pouco espaço pra tanta história.

Por meio do uso da imagem, e da abordagem sob a ótica da experiência, entretanto, foi possível construir um produto que levará às gerações futuras do curso, um pouco do que foi fazer comunicação na UFV de 2011 a 2016. É importante destacar que nem mesmo o personagem apresentado nas histórias viveu todas as situações contidas no encarte, contudo, espera-se que muitos possam encontrar identificação neste produto. O encarte é um veículo capaz de levar adiante a relação mútua de crescimento que ocorreu entre aluno e curso durante os anos, e toda a vivência envolvida. Mais que um simples veículo, o trabalho foi planejado para que a leitura do encarte seja prazerosa e atrativa, para que o uso do humor permita o riso assim como a crítica, mesmo que singela, permita reflexão. Contar esta história por meio do desenho é desta forma emprestar os olhos do autor para que o leitor possa também ser personagem.

É importante salientar também a importância dada à criação de um produto inclusivo, que represente nos desenhos diferentes tipos, fisionomias e tons de pele. Somos frutos de nossa experiência, frutos da interação com o meio que nos cerca. Não estaríamos falando do curso de comunicação na UFV se o desenho também não fosse, assim como o curso, diverso.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDÍA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, Vol. 19, pp. 20-28, Jan-Abr, 2002.

CESAR, N. **Direção de arte em propaganda.** São Paulo: Futura, 2000.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual.** Tradução: Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

EISNER, W. **Quadrinhos e a Arte Sequencial.** 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1999.

ESTEVES, G. **Comunicação entre o projetista e o ilustrador.** 2009. Disponível em: <<http://www.cadesign.com.br/artigos/comunicacao-entre-o-projetista-e-o-ilustrador.html>>. Acesso em: 30 de outubro de 2016.

FONSECA, J. **Comunicação visual: glossário.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1990.

_____. **Caricatura: A imagem gráfica do humor.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

MCCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos. Desvendando os quadrinhos. Desvendando os quadrinhos.** Tradução: CARVALHO, H.; PARO, M.N. São Paulo: Makron Books, 1995.

MENDONÇA, M. R. S. **Um gênero quadro a quadro: história em quadrinhos.** In: **Gêneros textuais e Ensino.** Rio de Janeiro, Lucerna: 2002.

OLIVEIRA, N. A.; ALMEIDA, L. M. Gêneros jornalísticos opinativos de humor: caricaturas e charges. **Revista Janus**, v. 3, n. 4, p. 76-91, segundo semestre de 2006.

SANTOS, M. C. F. **A noção de Experiência em John Dewey, a educação progressiva e o currículo de ciências.** Revista Brasileira de Pesquisa em Educação e Ciências, V.1, N.1, 2013.

TEIXEIRA, A.; WESTBROOK, R. B. **John Dewey. Coleção educadores MEC.** Fundação Joaquim Nabuco. Recife-PE: Editora Massangana, 2010.

TEIXEIRA, A. **A pedagogia de Dewey.** In: **DEWEY, John. Vida e educação.** 7 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971. p.13-41.

Sites:

CURSO DE JORNALISMO, a história do. Disponível em:<<http://www.ufv.br/apresentacao#avaliacao>>. Acesso em: 13 outubro 2016.

GRADE, curricular do curso de Jornalismo. Disponível em:<<http://www.ufv.br/ensino/grade.html>>. Acesso em: 13 outubro 2016.

TCC, o trabalho. Disponível em:< <http://www.ufv.br/tcc.html>>. Acesso em: 13 outubro 2016.

MARTINS, José Paulo. **UFV, A história da.** 2011. Disponível em:<<http://ufv85anos.blogspot.com.br/2011/08/universidade-federal-de-vicosa-padrao.html>> Acesso em: 13 outubro 2016.

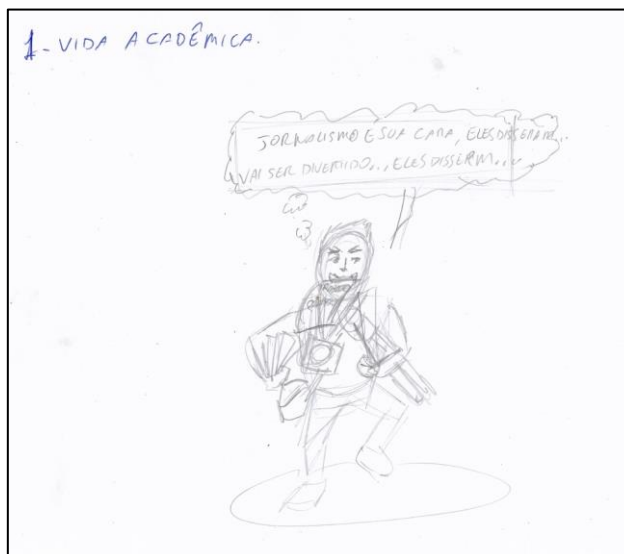
MARTINS, José Paulo. **UFV parte 2, A história da .** 2011. Disponível em:<<http://ufv85anos.blogspot.com.br/2011/08/historia-da-ufv-parte-2.html>> Acesso em: 13 outubro 2016.

MARTINS, José Paulo. **UFV parte 3, A história da .** 2011. Disponível em:<http://ufv85anos.blogspot.com.br/2011/08/universidade-federal-de-vicosa-padrao_26.html> Acesso em: 13 outubro 2016.

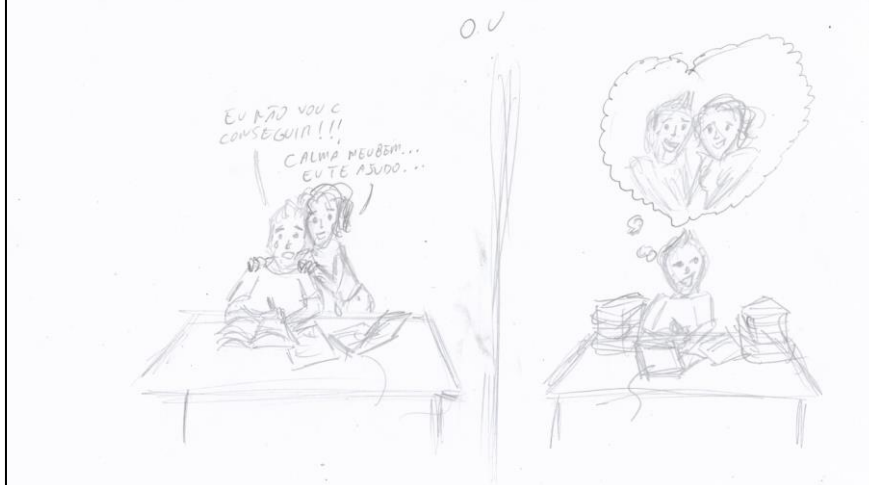
MICHAELIS ,**Dicionário** Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em:<<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=ILUSTRACAO>>Acesso em: 31 outubro 2016.

UFV, História. Disponível em:< http://www.portal.ufv.br/crp/?page_id=55> Acesso em: 13 outubro 2016.

ANEXO 1 – RASCUNHOS



5 - AMOR.



6 - VIDA.



7 - MORTE



8. SE TORNAR DE VIÇOSA.

MAS VOCÊ É ESTUDANTE!
VOCÊ NÃO É DEVIÇOSA!

EU MORO AQUI HÁ MAIS DE 5 ANOS,
VOTO AQUI, PAGO MINHAS CONTAS E,
COMPRO MINHAS COISAS AQUI, ENTÃO
POR QUE NÃO POSSO SER DEVIÇOSA?!



9. SER DINOSSAURO.

COMO EU ME SINTO SENDO DINOSSAURO...

NO MEU TEMPO O LACOMERA
NA VIVA GIARETTI E O DCM
DEPOIS DO COLUMI, E O LÊAO
BOMBAVA TODA QUINTA...
MAS O QUE É LÊAO?



CALOUJO VS VETERANO

CARECA

OLHAR SONHADOR

PENSANDO QUE
"LIMPIARÁ
O AMIGO"

MOCHILA
CHEIA DE
MATERIAL

MAGRO

ARRUMADINHO

SEN DINHEIRO

BARRIGA
DE RU
-TRUPE
PRA PAZ
TRABALHO

CHIBELO



10. OLHAR PRA FRENTE

UHUU!
FORMEI!

AGORA VEM CÁ QUE VAMOS
CONVERSAR SOBRE DESEMPREGO
E PISO SALARIAL...



ANEXO 2 – DESENHOS FINALIZADOS



QUANDO EU ESTUDEI AQUI QUASE
NÃO TINHA EQUIPAMENTO, AS
COISAS ERAM BEM MAIS DIFÍCEIS...

E COMO VOCÊS SUPERAVAM?



A GENTE SABIA QUE
TINHA A PROCISSÃO
DA COM NO FINAL!



LET! ME AJUDA NO TRABALHO
DE TEORIA?

AJUDO SIM! SÓ
ESPERA EU TERMINAR
O MEU AQUI ...



LET! LET! EI LET! JÁ TE
MOSTREI ISSO? LET!
QUER VER UM NEGÓCIO LEGAL?
LET OLHA ESSE VÍDEO!

O QUE É DESSA VEZ?







**MAS VOCÊ É ESTUDANTE!
VOCÊ NÃO É DE VIÇOSA!**

**EU MORO AQUI, VOTO AQUI,
PAGO MINHAS CONTAS E COMPRO
MINHAS COISAS AQUI... ENTÃO
POR QUE NÃO POSSO SER DE VIÇOSA?!**



**COMO EU ME SINTO CONVERSANDO
COM OS CALOUROS**

QUANDO ENTREI NO CURSO O DCM
ERA DEPOIS DO COLUNI, O LABCOM
ERA NA VILA GIANETTI E TODA QUINTA
TINHA TEDDIES . . .

O QUE É TEDDIES?



UHUL! FORMEI!

AGORA VEM AQUI QUE VAMOS
CONVERSAR SOBRE PISO SALARIAL,
MERCADO DE TRABALHO, NECESSIDADE
DE DIPLOMA....

